



RUBENS DE MENDONÇA

Pedro Rocha Jucá

Com o maior número de livros publicados e reeditados, dificilmente o jornalista Rubens de Mendonça será superado por outro autor mato-grossense. Exemplo único, o livro *História de Mato Grosso*, de 1967, foi reeditado em 1970, 1981 e 1982, marca quase atingida por outro livro seu, *Roteiro Histórico & Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá*, de 1952, e reeditado em 1954 e 1975. Constitui um acervo valioso de 38 livros lançados, sem contar os que não foram concluídos. Ele enriqueceu a bibliografia mato-grossense escrevendo sobre os temas mais diversos, desde a História, que o consagrou; a poesia, sua inspiração primeira; e o folclore, sua essência cultural.

A propósito, o jornalista Pedro Rocha Jucá afirmou: *Tanto em Mato Grosso como em Goiás não existe um outro intelectual que tenha maior número de obras publicadas. Cabe a Rubens de Mendonça um dos recordes em todo o Brasil. Talvez sejam raros os autores nacionais que tenham conseguido publicar tantas obras como o nosso ilustre conterrâneo. Não sabemos ao exato o total dos seus livros. Sabemos apenas que são muitos, feitos na base de um sacrifício enorme, tanto humano como financeiro, e todos eles dedicados à grandeza e à eternidade do nome de Mato Grosso.*

Vale lembrar, também, que ao jornalista Rubens de Mendonça pertenceu uma das maiores bibliotecas particulares de Mato Grosso. Ele era um apaixonado pelos livros, diariamente lidos, relidos e anotados. Se alguém lhe perguntasse qual o seu livro preferido, seria imediata a resposta: todos. Porém, os que abordassem assuntos de

Mato Grosso e, principalmente, de Cuiabá, a sua querida terra natal, estariam entre os que lia de imediato. Os seus amigos sabiam: o livro era também o melhor presente que gostava de receber, acompanhando o exemplo paterno, um dos mais cultos mato-grossense da sua geração.

A sua inspiração poética e a sua vivência jornalística foram sublimadas em quadrinha satíricas que ele usava para criticar o que havia de errado na vida política e na administração pública tanto do Estado como do Município. Com ironia, ele afirmava, como se fosse verdade, que as quadrinhas eram “colocadas” no seu bolso por algum amigo, sempre sem nome, mas todos sabiam que era ele próprio. Ainda inéditas, elas estão registradas nos arquivos da família.

As melhores antologias da poesia mato-grossense foram por ele organizadas e publicadas, a começar pelo seu primeiro livro: *Aspectos da Literatura Mato-grossense*, em 1938. Prosseguiu com *Garimpo do Meu Sonho*, em 1939; *Poetas Bororós*, em 1942; *Cascalhos da Ilusão*, em 1944; *No Escafrando da Vida*, em 1946; *Dom Por do Sol*, em 1954, além de outros.

Em *Dom Por do Sol*, o jornalista Rubens de Mendonça publicou uma das mais belas poesias mato-grossenses, da sua autoria, com o título *Felicidade*. Nela, além de um belo e comovente texto, a rima e a métrica se completam:

*Julguei, acaso, ser felicidade
A grandeza, o poder, a fama, a glória,
Nome aureolado no Panteão da História,
A vã e inútil imortalidade!*

*Vê que o Poder é uma ilusão inglória...
A Riqueza é a força da vontade.
Nome imortal – apenas é Vaidade...
A Fama neste mundo é transitória!...*

*Felicidade é coisa diferente,
É uma casinha branca onde a gente
Possas alegre viver com seu amor!*

*Felicidade é a mulher querida,
Um filhinho a sorrir – a própria vida,
Vivida no seu cândido esplendor.*

PROPRIEDADE DO
Instituto Histórico e Geográfico
de Mato Grosso
PATRIMÔNIO DA INSTITUIÇÃO

No dia 17 de março de 1945, ao ingressar na Academia Mato-Grossense de Letras, o jornalista Rubens de Mendonça mereceu do Presidente da Casa, o Acadêmico José de Mesquita, as seguintes palavras: *O Acadêmico que hoje se empossa é bem pouco mais velho do que a Academia. Isto, repito, nos inculca a confiança serena*

de que a instituição por nós organizada, há quase cinco lustros, já tem a consagração dos trabalhos que conseguem atravessar mais de uma geração.

Mais adiante, depois de dizer que o novo Acadêmico era filho do grande Estêvão de Mendonça, acrescentou: *É bem, portanto Rubens de Mendonça, nas múltiplas facetas de sua formosa inteligência, em pleno desabrochar - poeta, ensaísta, jornalista e historiógrafo - um fruto opimo, que já surgiu, cresceu e amadureceu aurdindo seiva e vigor do húmus fecundo dessa cultura criada e desenvolvida à sombra destes paredões augustos da "Casa Barão de Melgaço"*.

O tradicional discurso de recepção esteve a cargo do acadêmico Ulisses Cuiabano, que declarou: *Rubens de Mendonça perlustra em suas peregrinações poéticas todos os quadrantes do versejar. Cultiva o soneto com perfeição, compõe canções e baladas; poemas e triolés; vilancetes e haikais, e, por vezes, ritmos modernos, de sabor futurista, num variado borboletar. É um poeta nato. Um sonhador impenitente. Um digno hóspede do Parnaso.*

Um dos mais jovens a ingressar na Academia Mato-Grossense de Letras, com 29 anos, e disputando em juventude com o também jornalista Lenine de Campos Póvoas, o poeta Rubens de Mendonça surpreendeu os seus pares com o lançamento do seu primeiro livro de história: *Os Mendonças de Mato Grosso*, em 1945. Ao dedicar um exemplar ao seu pai, disse: *Ao meu pai, Estêvão de Mendonça, que por dois séculos desbravou a História de Mato Grosso, afetuosamente ofereço.* Estava escrito: a sucessão hereditária já estava garantida, com aquele que seria um dos maiores nomes da historiografia mato-grossense.

Sem sufocar o poeta que sempre existiu dentro de si, o historiador Rubens de Mendonça conseguiu conviver com a sensibilidade da sua inspiração pelos versos e com a credibilidade da sua herança genética pela história. Em 1946, prosseguindo com a sua obra literárias, ele lançou mais dois livros: *Nos Escafrandos da Vida* (versos) e *Antologia Bororo* (antologia de escritores mato-grossenses)

Contudo, o historiador Rubens de Mendonça se afirmou definitivamente em 1949, quando lançou *Gabriel Getúlio Monteiro de Mendonça*, mais história regional do que memória familiar. Continuou, em 1951, com a *História do Jornalismo em Mato Grosso*; e 1952, com o *Roteiro Histórico & Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá* e o *Album Comemorativo do 1º Congresso Eucarístico de Cuiabá*; e, em 1953, com o *Dicionário Biográfico Mato-Grossense*.

Depois de uma concessão às suas raízes poéticas com o clássico *Dom Por do Sol*, 1954, no mesmo ano ele lança a segunda edição, ampliada, do seu *Roteiro Histórico & Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá*. O discípulo e admirador de Álvares de Azevedo, Manuel Bandeira e Catulo da Paixão Cearense, que também influenciaram no seu lirismo; o herdeiro natural do grande Estêvão de Mendonça, que lhe orientou os primeiros passos, revelou-se um valoroso e produtivo seguidor de Câmara Cascudo, de quem ele se tornou um grande amigo, no despertar do interesse da elite cultural mato-grossense para o vasto e rico folclore regional.

Os lançamentos não param: *Mato Grosso e a Valorização Econômica da Amazônia*, em 1955; *Poetas Mato-grossenses* (antologia), em 1958; *A Presença de Estêvão de Mendonça*, discurso que pronunciou ao paraninfar os formandos do Ginásio Estadual Estêvão de Mendonça, em Guiratinga, na noite de 19 de dezembro de 1959; a *História do Jornalismo em Mato Grosso* (segunda edição), em 1963; *Bilac, O Poeta da Pátria*, em 1965.

Numa fase fértil, ele passou a publicar dois livros por ano a partir de 1966, com *A Espada que Unificou a Pátria* e o *Tigre de Cuiabá*, em 1967, *Estórias que o Povo Conta* e a primeira edição da *História de Mato Grosso*; e em 1969 ele retornou com dois clássicos: *Ruas de Cuiabá* e *Sagas & Crendices da Minha Terra Natal*.

Para consolidar a sua vastíssima bibliografia, novos livros foram surgindo: *Dicionário Biográfico Mato-grossense*, segunda edição, em 1970; *Enciclopédia Audiovisual Geo-História da Mato Grosso*, para a primeira série – Cuiabá, em 1972; *Discurso de Recepção do Acadêmico Hélio Serejo*, em 1973; *História do Comércio de Mato Grosso*, em 1974; *O Humorismo na Política de Mato Grosso*, em 1976; *Bibliografia Mato-grossense*, em 1976; *Roteiro Histórico & Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá*, na sua terceira edição, e *Evolução do Ensino em Mato Grosso*, em 1977; *Igrejas e Sobrados de Cuiabá* e *Sátiras na Política de Mato Grosso*, em 1978; e o que seria seu último: *Nos Bastidores da História Mato-grossense*.

Ele foi o mais jovem sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, onde ingressou, com 26 anos, no dia 17 de outubro de 1941. Depois de ocupar outros cargos, chegou a ser secretário perpétuo até 1982, quando ficou impossibilitado de comparecer às sessões da entidade devido às suas precárias condições de saúde.

Na sua autobiografia, ele fez interessantes revelações: *Nasci às 20 horas do dia 27 de julho de 1915. Dia de São Pantaleão. Nasci de sete meses. Embora houvesse nascido empelicado, era uma criança doentia. Tive catapora e sarampo. Com sete anos de idade fui matriculado no Grupo Escolar Barão de Melgaço. Minha primeira professora foi Tereza Lobo de Queiróz, grande educadora. Depois fui para a escola de minha madrinha D. Amélia Muniz. Com ela aprendi as primeiras letras. Sempre fui mau aluno.*

Mais adiante, o jornalista Rubens de Mendonça acrescentou: *Papai não lia poesia; não gostava. Fazer história aprendi com ele; mas fazer versos aprendi com os meus amigos: desembargadores Otávio Cunha, José de Mesquita e Palmiro Pimenta. Eles toleravam os meus primeiros versos, os corrigiam e me animavam a continuar.* Quando o jornalista Rubens de Mendonça morreu, nos primeiros minutos da madrugada do dia 3 de abril de 1983, Mato Grosso perdeu um dos seus maiores historiadores. É, e sempre será, um exemplo de pesquisador dedicado às mais sagradas tradições mato-grossenses.